

## EDWARD SAPIR E MATTOSO CÂMARA JR.: INTERSECÇÕES

*EDWARD SAPIR AND MATTOSO CÂMARA JR.: INTERSECTIONS*

Lovania Roehrig Teixeira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFSC

Mailce Borges Mota

Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFSC

### Resumo

O conceito de linguagem perpassa diferentes abordagens teóricas e diferentes cientistas sem ser, no entanto, consensual na Linguística. Todavia, algumas características similares acerca do fenômeno da linguagem são encontradas nas abordagens de Edward Sapir e Mattoso Câmara Jr., principalmente, por este último ter realizado traduções de duas obras de Sapir e ter convivido diretamente com grandes linguistas estruturalistas, nos Estados Unidos. O presente artigo descreve e discute algumas das principais aproximações entre as ideias de Mattoso Câmara Jr. e Sapir, que sugerem a filiação do primeiro ao segundo. A partir disso, buscaram-se os aspectos de convergência das concepções linguísticas e identificaram-se três, relacionados à (i) linguagem e pensamento, (ii) linguagem e arte e (iii) linguagem e deriva linguística.

**Palavras-chave:** Linguística. Língua. Estruturalismo. Sapir. Mattoso Câmara Jr.

### Abstract

Different researchers and theoretical approaches propose different definitions for the concept of language and the field of Linguistics still lacks consensus on this concept. Nevertheless, one can find some similar features in both Edward Sapir and Mattoso Câmara Jr.'s approaches to the study of language, mainly because Mattoso Câmara Jr. translated two of the works of Sapir and interacted directly with important linguists in the United States. This article describes and discusses some of the main similarities between Mattoso Câmara Jr. and Sapir's ideas, which suggest a link between these authors. We exploited their close linguistic concepts and identified three of them, related to: (i) language and thought, (ii) language and arts and (iii) language and linguistic drift.

**Keywords:** Linguistics. Language. Structuralism. Sapir. Mattoso Câmara Jr.

## 1 INTRODUÇÃO

Cada escola linguística (Estruturalismo, Gerativismo, Funcionalismo, entre outras) estuda o fenômeno da linguagem sob pontos de vista peculiares ao seu ideário. Ainda nesse mesmo sentido, observa-se que linguistas pertencentes à mesma escola defendem uma abordagem que segue, em linhas gerais, a linha de pensamento da escola, mas, por vezes, caracterizam o objeto de estudo ao seu modo, *i.e.*, com nuances que se relacionam às suas concepções individuais.

Por conta desses aspectos, é correto afirmar que indivíduos que são filiados, *e.g.*, ao estruturalismo, apresentem algumas semelhanças em suas concepções linguísticas. No entanto, é possível que também tenham visões individuais em relação a alguns pontos mais específicos do seu objeto de estudo – a linguagem. Mattoso Câmara Jr. e Edward Sapir são considerados linguistas de filiação estruturalista norte-americana; Câmara Jr., um estruturalista que atuava no Brasil, e Sapir, um estruturalista que atuava na América do Norte. Apesar da distância física e do fato de as concepções e publicações de Sapir serem anteriores às de Câmara Jr., surgem suspeitas, que se tornam mais substanciais ao se fazer uma leitura dos textos de ambos os autores, de que algumas ideias, conceitos e preocupações em relação ao fenômeno linguístico se assemelham nos dois autores<sup>1</sup>. Um aspecto que reforça essa suspeita é o fato de que Câmara traduziu do inglês para o português duas obras de Edward Sapir.

Partindo disso, o presente artigo tem como objetivo realizar um estudo inicial e mapeador da visão de língua e de linguagem de Edward Sapir e de Mattoso Câmara Jr., buscando semelhanças na abordagem linguística de ambos os autores. Argumenta-se, neste texto, que Mattoso Câmara absorveu alguns traços da abordagem de linguagem do linguista e antropólogo norte-americano. Essa hipótese se justifica, como já mencionado, pelas traduções que Câmara fez das obras de Sapir e pelas temporadas de estudos nos Estados Unidos, nas quais teve contato com alguns estruturalistas norte-americanos. Assim, ao confirmarmos essa conjectura, pode-se dizer que a visão peculiar de Edward Sapir sobre seu objeto de estudo – a língua – foi desenvolvida no Brasil, de maneira indireta, por um de seus aprendizes – Mattoso Câmara Jr..

Buscamos evidências e estudos que tratassem da hipotética influência de Sapir sobre Mattoso Câmara Jr.. Por conta disso, realizamos pesquisas por publicações, no cenário brasileiro, cujos estudos contemplassem uma análise contrastiva, ou simplesmente uma análise, das obras e concepções de Mattoso Câmara Jr. e de Sapir. No entanto, nada nesse sentido foi encontrado, até onde se pôde investigar. O que foi visto, durante essa empreitada, foram curtos comentários acerca de possíveis influências que Mattoso teve nas suas obras e produção intelectual, mas nada minucioso. Muitos estudos foram encontrados sobre o linguista Mattoso Câmara Jr., em particular, no âmbito da fonologia e morfologia, o que mostra a expressividade de sua contribuição nessa área. No artigo *A conexão americana: Mattoso Câmara e o círculo lingüístico de Nova Iorque*, Cristina Altman destaca e analisa as influências teóricas que Mattoso sofreu a partir do ideário de Jakobson. Já em relação a Edward Sapir e o estruturalismo norte-americano, há pouca literatura desenvolvida no país. Acreditamos que isso se deva ao fato de que o Brasil, no cenário dos estudos linguísticos, tenha sofrido maior impacto do estruturalismo europeu, de Saussure (1916), do que do ideário estruturalista norte-americano, que tem como guia Bloomfield (1933).

Durante a pesquisa uma afirmação de Uchôa (2004, p. 3) foi importante para motivação do trabalho; o autor afirma que em *Princípios de Linguística Geral* (1977) Mattoso

---

<sup>1</sup> Apesar de Edward Sapir e Mattoso Câmara Jr. se filiarem à mesma escola, o Estruturalismo, nada garante, de antemão, que os autores compartilhem das mesmas ideias. Isso é corroborado pelas palavras de Barthes (1971, p. 299) ao tentar explicar o que é o Estruturalismo: “Não é uma escola, nem mesmo um movimento, pois a maior parte dos autores que se associam geralmente a esta palavra não se sentem de modo algum ligados entre eles por uma solidariedade de doutrina ou de combate”.

Câmara dedica um capítulo à Fonologia baseado nas ideias de Sapir sobre o assunto. Pela afirmativa de Uchôa (2004) em adição à nossa hipótese, entendemos que a abordagem de Sapir era, de fato, importante para Mattoso, pois é em Sapir que ele busca os aspectos de pesquisa fonológica para o estudo do Português Brasileiro (PB) e das línguas indígenas. No entanto como a preocupação deste artigo não é a fonologia em particular, e sim a linguagem como fenômeno amplo, esse tópico não será abordado. Ao leitor que se interessa pela influência da análise fonológica de Sapir sobre as ideias de Mattoso Câmara Jr. recomendamos o texto de Uchôa (2004).

Para que houvesse uma disposição coerente das seções do artigo, o presente texto está organizado da seguinte forma: primeiro realiza-se um levantamento histórico da vida de cada um dos autores para que se contextualizem suas abordagens no período e nas ideias que se desenvolviam na época. Em seguida, são trazidos os conceitos norteadores de cada autor em relação à língua e à linguagem, como um fenômeno amplo. No momento seguinte, discute-se o conjunto de semelhanças encontradas em relação a essas abordagens, a fim de se atestar a influência de Sapir em relação à obra de Câmara. A essa discussão seguem-se as considerações finais.

## **2 EDWARD SAPIR**

### **2.1 A vida e a obra de Edward Sapir**

Edward Sapir, antropólogo e linguista, foi aluno de Franz Boas nas primeiras décadas do século XX. Sapir como linguista contribuiu grandemente para o crescimento da linguística teórica e para o desenvolvimento da linguística indígena e indo-europeia. Além disso, como antropólogo produziu contribuições nos campos da etnologia, da teoria da cultura e da psicologia cultural. Edward Sapir reunia as seguintes qualidades, segundo Darnell e Irvine (1997, p. 281): era um humanista, bem como um linguista e um antropólogo; era compositor de músicas e autor de poesias e, também, crítico literário.

Edward Sapir nasceu na Polônia, em 26 de janeiro de 1884. Seus pais, Jacob David e Eva Seagal Sapir, eram judeus. Sapir aprendeu alemão quando criança, mas a língua falada em casa era o iídiche. Os pais de Sapir mudaram-se para os Estados Unidos da América em 1890, mas já haviam morado em vários locais anteriormente.

Sapir ingressou na Universidade de Columbia em 1901 e concentrou seus esforços na filologia alemã, em consequência, formalizava seus conhecimentos em linguística indo-europeia. Em 1909, recebeu o título de Ph.D. em Antropologia com uma tese sobre a língua Takelma do sudoeste de Oregon.

Conforme vimos, Sapir escolheu como primeiro campo de estudos o alemão. Todavia, ocorreram mudanças nos interesses do autor, conforme afirmam Darnell e Irvine (1997, p. 283): “depois que Sapir conheceu Franz Boas, no entanto, ele se inspirou na urgência da necessidade de registrar as línguas ameríndias antes que elas se perdessem para sempre”<sup>2</sup>. Desse modo, Sapir aplicou o método comparativo do indo-europeu para as

---

<sup>2</sup> No texto original: “After Sapir met Franz Boas, however, he was inspired by the urgency of the need to record endangered Amerindian languages before they were lost forever.” (DARNELL; IRVINE, 1997, p. 283).

línguas ameríndias, as quais não tinham registro escrito. É correto afirmar que o interesse de Sapir pela teoria linguística foi muito além do interesse de seu mestre, Boas, o qual reconheceu a liderança intelectual do pupilo mesmo ele ainda sendo aluno de pós-graduação.

Durante sua vida profissional, Sapir estudou e descreveu inúmeras línguas indígenas em parceria com alunos. Além disso, de 1910 a 1925 foi o primeiro etnólogo da Divisão de Antropologia do Serviço Geológico do Canadá. Nessa época desenvolveu, como antropólogo, um programa de pesquisa no Museu Nacional focado nos povos indígenas do local.

Durante a Primeira Guerra Mundial, segundo Darnell e Irvine (1997), Sapir se mostrou um grande pacifista e a sua posição de imigrante na América do Norte foi muito sentida. Mesmo após o fim da guerra seus trabalhos de pesquisa não obtiveram fundos. Assim, os estudos sobre as línguas indígenas na divisão de Antropologia do Canadá não tiveram sequência. Esses foram anos de introspecção para Sapir, nos quais ele escreveu poesias, músicas e críticas literárias.

Em 1925, após anos de isolamento, Sapir foi chamado para trabalhar na Universidade de Chicago, no Departamento de Sociologia e Antropologia. Mesmo nesse período, ele não abandonou seu trabalho linguístico, ainda fazia viagens de campo para estudar as línguas Navajo e Hupa<sup>3</sup>.

Em 1937, enquanto ensinava no *Linguistic Society of America Summer Institute*, Sapir sofreu seu primeiro ataque cardíaco. Embora ele tenha voltado a lecionar no segundo semestre de 1938, não havia se reabilitado totalmente. Sapir morreu em 4 de fevereiro de 1939, com cinquenta e cinco anos.

Em relação a sua produção intelectual, pode-se afirmar que Edward Sapir em seus primeiros anos seguia os paradigmas de seu mestre Franz Boas. Em 1916, em *Time Perspective in Aboriginal American Culture: A Study in Method*, Sapir apresentou uma distinção metodológica entre as propriedades da língua e da cultura para a reconstrução histórica. Em consequência, as relações genéticas poderiam ser discernidas e distinguidas de outros tipos de relações através da aplicação de métodos utilizados na linguística histórica indo-europeia, mesmo na ausência de registros escritos. Essa obra foi um guia para os etnólogos do método histórico da época e ainda hoje recebe atenção especial por parte dessa classe.

Em 1921 Sapir publicou *Language: An Introduction to the Study of Speech*, o único livro que ele finalizou durante sua vida. Nessa obra ele incluiu estudos sobre línguas com grafia e ágrafas numa relação de igualdade e, também, se mostrou maravilhado pela precisão estrutural e tipologia gramatical de cada uma delas. O livro foi direcionado ao público em geral, mas a sua visão linguística e o tratamento dado a temas específicos da linguagem influenciaram, e ainda influenciam, muitos trabalhos de linguistas.

---

<sup>3</sup> Hupa (Atabascano da costa pacífica) e Navajo (Atabascano meridional) são da família das línguas atabascanas faladas por povos nativos da América do Norte ao longo do oeste norte-americano.

Algumas das contribuições mais importantes de Sapir para a teoria linguística se mostraram na fonologia. Em 1925, o periódico da *Linguistic Society of America* (LSA), *Language*, foi inaugurado e Sapir foi um dos seus fundadores. Nele publicou um artigo em que definiu o conceito de fonema, em termos de relações significativas entre os sons, uma novidade para a época. Além disso, a distinção feita por Sapir entre fonética e fonologia nos seus estudos e artigos revolucionou a linguística americana. Essa distinção foi resultado do trabalho de campo com as línguas indígenas norte-americanas e se deu, independentemente, do trabalho paralelo realizado a partir de modelos fonológicos construídos pela Escola de Praga.

Outro ponto muito importante em que Sapir se destacou foram as discussões sobre o papel do significado na forma gramatical e as relações desse com a utilização da linguagem na formulação e transmissão de ideias. Esses assuntos foram reunidos na chamada *hipótese de Sapir-Whorf*. Essa hipótese é sistematizada por Severo em dois aspectos:

[...] (i) a linguagem determina a forma de ver o mundo, e conseqüentemente, de se relacionar com esse mundo (hipótese do determinismo linguístico); [...] (ii) para diferentes línguas há diferentes perspectivas e diferentes comportamentos (hipótese do relativismo linguístico). (2004, p. 129).

No entanto, a hipótese foi desenvolvida em grande parte por seu aluno Benjamin Lee Whorf após a morte de seu mentor, e nela observam-se concepções que não são atribuídas ao ideário de Sapir. Mira Mateus corrobora essa afirmação:

O contato de Whorf com Sapir [...] fez com que as posições dos dois fossem agregadas no que se denomina a hipótese de Sapir-Whorf. Na realidade, porém, existem bastantes diferenças na perspectiva de ambos sobre a relação entre língua e cultura. (2001, p. 5).

Whorf (1952), durante pesquisas sobre a língua hopi<sup>4</sup>, formulou a ideia de que o indivíduo apreende a realidade por meio das formas que a língua põe a sua disposição, pois notou que “[...] o conceito de tempo e espaço em hopi [...] seria bem diverso da concepção indo-européia.” (ROBL, 1975, p. 11). Segundo Mira Mateus (2001, p. 3), essa concepção gerou-se do fato de que em hopi um único item lexical, em certos usos, pode exprimir tempo e espaço. Desse modo, os falantes dessa língua apreendem diferentemente a realidade, do que, por exemplo, os falantes do PB ou do inglês que, geralmente, expressam tempo e espaço com termos linguísticos diferentes. Para deixar mais contundente o seu argumento de que cada língua, de modo distinto, apreende a realidade, o que se reflete nas diferenças culturais e de ordenação de raciocínio dos indivíduos, Whorf (1952) cita a dificuldade ou impossibilidade de serem realizadas traduções exatas de algumas expressões ou sentenças entre línguas próximas. Essa impossibilidade e/ou dificuldade reforça(m) que as diferentes línguas (mesmo tendo algum parentesco) são diversas quanto à representação da realidade, e que isso repercute nos falantes que terão ordenações de raciocínio diferentes. Assim, não pode haver uma fonte universal do pensamento humano; de acordo com Mira Mateus (2001, p. 4), Whorf

<sup>4</sup> A língua hopi pertence ao grupo Uto-Azteca e é falada pelos Hopi, uma nação indígena do nordeste do Arizona, E.U.A..

(1952) “[...] recusa a teoria de uma gramática universal, tal como recusa os princípios universais do pensamento”.

Algumas das perspectivas de Whorf (1952) se confrontam com as de Edward Sapir como o fato de que, segundo o último, não há relação de determinação entre língua, raça e cultura, pois um grupo de línguas não corresponde, necessariamente, a um grupo racial ou área cultural: existem línguas que são faladas por diferentes raças e diferentes culturas; por sua vez, há diferentes línguas que partilham de uma só cultura e, ainda, há casos em que uma mesma língua participa de diferentes círculos de cultura. Além disso, conforme Mira Mateus (2001, p. 6), pelo aspecto mentalista de Sapir ele “[...] poderia vir a aceitar a existência de princípios universais da gramática representada na mente dos falantes [...]”, o que não pode ser afirmado em relação a Whorf.

A partir do breve apanhado de fatos e de obras, resultantes da curta existência de Sapir, mas de grande contribuição intelectual, entende-se que, tomado como um todo, o leque de preocupações de Sapir influenciou significativamente os contornos da linguística americana e mundial da sua geração. E, certamente, ainda tem influenciado tanto antropólogos quanto linguistas do século XXI.

## **2.2 Edward Sapir – abordagem antropológica da linguagem**

Edward Sapir foi, sem dúvida, um dos estudiosos que mais se destacou no cenário linguístico dos Estados Unidos; ele compunha, juntamente com Franz Boas, Bloomfield e outros, o movimento do estruturalismo norte-americano. Esse movimento se desenvolveu entre as décadas de 1920 e 1950 e teve como marca principal a descrição das línguas indígenas ágrafas que estavam em vias de extinção no continente (línguas que tinham poucos falantes e logo iriam desaparecer sem que fossem descritas e estudadas). De acordo com Ilari (2004, p. 77), “os pesquisadores americanos desse período sentiam-se comprometidos em realizar uma tarefa eminentemente descritiva que deveria [...] evitar a interferência dos conhecimentos prévios do linguista”. Em outras palavras, os estruturalistas norte-americanos estavam interessados, especialmente, em descrever as línguas indígenas com precisão e com a menor interferência possível do conhecimento que o pesquisador já possuía, como se fosse uma fotografia.

É preciso esclarecer dois pontos antes de seguir adiante: o primeiro ponto é que em *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*, de Sapir, traduzido por Câmara, não é feita uma distinção entre os termos ‘língua’ e ‘linguagem’, possivelmente pela existência de uma única palavra, no inglês, para referir-se aos fenômenos. Assim, neste artigo, língua e linguagem referem-se ao processo geral de linguagem, *i.e.*, referem-se à comunicação humana com a qual partilhamos socialmente nosso pensamento sobre o mundo. O segundo ponto a esclarecer é que quando Sapir usa o termo ‘fala’, neste artigo, toma-se o termo como metonímia de linguagem. Essa manobra é permitida dada a relação de associação entre linguagem e fala. Por último, é bom que se mencione que de acordo com o que escreve Mattoso Câmara no apêndice de *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*, “[...] o pensamento linguístico de Sapir se aproxima muito [...] do de Saussure. É uma convergência espontânea, pois nada indica que ele tenha tido conhecimento da obra póstuma do mestre genebrino.” (SAPIR, 1980, p. 188). Assim, nada leva a crer que Sapir tenha lido o *Curso de Linguística Geral* e tenha conhecido as ideais abordadas por

Saussure e sua distinção entre língua e fala. Até por isso, neste artigo não se utiliza a distinção língua-fala, pois se sabe que a grande referência dos estruturalistas norte-americanos era, segundo Ilari (2004), Leonard Bloomfield e sua obra *Language* (1933) que, entre outras coisas, afirmava que o sentido (Semântica) era de ordem mental e não poderia ser estudado cientificamente.

No que diz respeito à visão de linguagem, Sapir admitiu que Franz Boas, seu mestre, foi o responsável pelo interesse e visão filológica que adquiriu durante a academia, e também, por Sapir ter deixado a rotina da descrição gramatical, pura e simples, e ter aprendido a interpretar o “espírito da língua que estava estudando e analisando” (SAPIR, 1922, p. 8). A visão sapiriana de linguagem foi impulsionada por seu mestre, Boas e, por isso, Sapir se diferenciava dos demais estudiosos estruturalistas (mecanicistas), para os quais a linguagem era um mero objeto de descrição.

Entre os estudos mais importantes de Sapir estão os estudos sobre os padrões sônicos na linguagem, a realidade psicológica dos fonemas, os dialetos, a relação linguagem e ambiente e, ainda, a posição da linguística como ciência. Sapir demonstrava interesse por assuntos não triviais à corrente estruturalista, como é notado no texto *A fala como traço de personalidade*, do livro *Linguística como ciência* (1969), no qual Sapir afirma que a voz não é um aspecto de todo individual e, sim, tem um fundo social.

[...] se, por um ou outro motivo, é criticado o timbre de voz que herdamos do berço, forcejamos por modificá-lo para que não seja um instrumento de linguagem socialmente desagradável. Há sempre qualquer coisa na voz que se deve atribuir ao fundo social, exatamente como os gestos. (p. 66-67).

Esse fragmento mostra que seu nível de preocupação com a linguagem estendia-se para além da descrição de sua estrutura linguística e enredava-se nos aspectos que estão envolvidos na linguagem, como a voz.

Por conta disso, a definição de linguagem formulada por Sapir vai além da estrutura: “É um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos” (1980, p. 12). Esse conceito mostra que, para Sapir, a linguagem é um “método” exclusivamente humano, ou seja, é algo que requer raciocínio, planejamento e não se dá por instinto, assim como os ganidos dos animais. A linguagem tem como função não só a comunicação de ideias, mas também a transmissão de desejos, de emoções, de intenções; a linguagem serve para o homem expressar o que se passa em seu interior e, a partir disso, representar o mundo para as pessoas de seu tempo e para as dos tempos que virão, principalmente através dos registros escritos. E tudo isso se dá por meio de “símbolos voluntariamente produzidos” (os símbolos fonéticos e os símbolos escritos).

Como observamos a partir do conceito de linguagem, Sapir era um mentalista, pois compreendia que a linguagem está ancorada em um nível mental e essa ancoragem pode fornecer respostas sobre como funciona a relação língua-pensamento-realidade, que ainda hoje é cara à linguística. Mira Mateus confirma isso:

Sapir foi um linguista “mentalista” (por oposição ao mecanicismo reinante na época na linguística norte-americana) preocupado com a

face oculta da língua, ancorada no subconsciente do homem. [...] A relação que estabelece entre língua e pensamento funda-se no conceito de que existe um nível abstrato e “profundo” do sistema linguístico subjacente à superfície apreensível. (2001, p. 5-6).

Em seu livro *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*, Sapir afirma que a linguagem, representada pelo ato de falar, ao contrário do ato de andar, é uma “atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado” (1980, p. 12). Sapir contempla a linguagem como algo que resulta da convivência social e que varia de acordo com o grupo social em que o indivíduo está inserido. Dessa maneira, falar é uma função “adquirida, ‘cultural’” (1980, p. 12); essa afirmação contraria o cerne do estruturalismo norte-americano, pois, de acordo com Ilari, “a linguística descritiva americana [...] valorizava a singularidade das línguas [...] era profundamente imanentista” (2004, p. 80), *i.e.*, a linguística estruturalista buscava, em geral, as explicações sobre linguagem somente nos objetos linguísticos, sem lançar um olhar ao redor (cultura, sociedade, etc).

A partir disso, Sapir (1980, p. 119) também abraça a variabilidade das línguas e aceita que cada língua tem formas de falar diversas e que cada indivíduo possui hábitos linguísticos que se diferenciam, às vezes minimamente, às vezes mais perceptivelmente. Assim, a variação é vista como fenômeno natural da linguagem. Para controlar isso, Sapir afirma que há “uma entidade linguística ideal” que domina a fala habitual dos indivíduos; há variação de indivíduo para indivíduo, mas essa variação é controlada por uma “tácita norma diretriz” que as pessoas compartilham.

Ainda no campo da variação, Sapir (1980, p. 121) distingue os *dialetos* e *idioletos*. Os *dialetos* são “próprios de grupos sociais estritamente circunscritos, e com homogeneidade tal que lhes garante um sentimento e propósito comum, necessário para criar uma norma”; nota-se que é forte o caráter social da linguagem proposto no próprio conceito de dialeto. O *idioleto* é, por sua vez, uma variação mostrada por cada indivíduo, por exemplo, na escolha do arranjo de palavras e frases.

No entanto, os processos de variação que uma língua sofre são controlados por um mecanismo da própria língua que é a *deriva linguística*. A deriva consiste no fato de a língua mover-se através do tempo, em um curso que é próprio dela, o que vai gerar determinadas transformações sintáticas e morfológicas. Clare (2004, Parte I, ¶6<sup>5</sup>) fornece esclarecimentos sobre a deriva:

Deriva não significa evolução. As mudanças linguísticas não são casuais nem desconexas. Seguem uma diretriz; há uma corrente nas mudanças. O conceito é neutro: a língua não melhora nem piora; apenas constata-se que ela muda. Várias são as razões dessa mudança, mas a principal situa-se na relação que se estabelece entre língua e cultura. A rapidez ou lentidão no processo de deriva está condicionada a condições histórico-sociais.

---

<sup>5</sup> Não há numeração de páginas em Clare (2004).



Portanto, percebemos, principalmente através das concepções arroladas, que Sapir mesmo sendo um linguista da escola estruturalista norte-americana se mostrava um estudioso preocupado com a linguagem enquanto um meio de relação do homem com a sociedade, ou seja, a linguagem enquanto um sistema que possui sistemas ao seu redor. Assim, o sistema linguístico era visto pelo autor como uma estrutura que se relaciona dentro de si, mas que sofre e, sobretudo, produz influências exteriores importantes.

Uma vez que os principais aspectos da vida de Edward Sapir e da visão de linguagem desenvolvida pelo linguista já foram apresentadas, na seção seguinte faremos o mesmo com relação a Mattoso Câmara Jr.: conheceremos os principais aspectos da vida do brasileiro e de suas concepções linguísticas.

### **3 JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR.**

#### **3.1 A vida e a obra de Mattoso Câmara Jr.**

Joaquim Mattoso Câmara Jr. nasceu em 13 de abril de 1904 e morreu em 4 de fevereiro de 1970 no Rio de Janeiro. Era filho de Joaquim Mattoso Duque Estrada Câmara, especialista em economia política, e de Maria de Paula Castro Silva Mattoso Câmara.

Mattoso Câmara Jr. cursou os estudos iniciais com professores particulares. Em 1927 formou-se em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes. Em 1932 concluiu o curso de Direito na Universidade do Rio de Janeiro. Iniciou no serviço público como desenhista da prefeitura do Rio de Janeiro, mas abandonou a profissão para iniciar a carreira de professor em 1928. Trabalhou como professor secundário para a prefeitura do Rio de Janeiro e para colégios particulares. Em 1938 teve início a sua carreira de professor do ensino superior: lecionou na antiga Universidade do Distrito Federal; na Universidade Católica de Petrópolis; na Associação Universitária de Santa Úrsula e na Universidade do Rio de Janeiro.

Mattoso Câmara Jr. fez cursos de aperfeiçoamento no Brasil e no exterior. Em 1943, com o recebimento de uma bolsa de estudos concedida pela fundação Rockefeller, realizou cursos de especialização em Linguística nos Estados Unidos. O linguista brasileiro frequentou cursos de Grego, Sânscrito, Línguas Africanas e Linguística Comparada (ministrada por Jakobson) na Universidade de Columbia. Na Escola Livre dos Altos Estudos fez o Curso de Linguística Geral também ministrado por Jakobson. Além disso, teve contato com Bloomfield na Universidade de Yale. Em 1944 realizou um curso intensivo de Fonética Experimental no laboratório da Universidade de Chicago e participou de um curso sobre Geografia Linguística, com Bonfante.

Retornando ao Brasil fez doutorado em Letras Clássicas pela antiga Faculdade Nacional de Filologia da Universidade do Brasil. Em 1949 recebeu o título de Doutor em Letras com a tese *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, o primeiro estudo a tratar dos aspectos fonológicos do PB.

É preciso notar que, até onde se pôde investigar, não há menção de que Mattoso Câmara Jr. tenha sido aluno de Sapir. Assim, a denominação “discípulo-mestre” que pode ser atribuída a essa relação se deve à influência das ideias do norte-americano sobre Câmara Jr. e não pelo relacionamento específico no ambiente de ensino. O que há, sim, são dados

sobre o fato de Mattoso ter sido aluno e amigo de Jakobson. Endossam-se essas afirmações com a citação retirada da introdução de Uchôa (2004) à publicação da carta mandada por Mattoso, dos Estados Unidos, para seu editor no Brasil:

O linguista brasileiro, nos meses que lá permaneceu, entre 1943 e 1944, frequentou vários cursos, tendo sido aluno de renomados mestres, como Roman Jakobson, Louis Gray e George Herzog. [...] Nesta carta Mattoso Câmara testemunha o papel relevante da viagem para a sua formação universitária, pois estava tendo a oportunidade não só de aprofundar-se na orientação da escola de linguística norte-americana da época (já conhecia Sapir e Bloomfield, citados em *Princípios*) [...] (UCHÔA, 2004, p. 20).

Nos seus últimos anos de vida, Mattoso participou do curso de mestrado instituído pela divisão de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nessa mesma instituição atuou como coordenador e professor do curso Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras. Mattoso lecionou na categoria de professor visitante nas universidades de Washington, Georgetown e Lisboa. Participou ativamente de diversos congressos, colóquios, institutos, seminários no Brasil e no exterior. Em 1967, Mattoso foi escolhido para ser membro do Comitê Internacional Permanente de Linguistas.

Em linhas gerais, pode-se dizer que as áreas de interesse do linguista brasileiro eram a fonologia, a morfologia e a estilística. Além disso, teve destaque a dedicação de Mattoso Câmara Jr. para a institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil, através da criação da disciplina Linguística Geral na década de 1930 e de um setor de Linguística no Museu Nacional, em 1958, no Rio de Janeiro. Ainda, é necessário frisar o trabalho de Mattoso como tradutor, pois, desse modo, colocou ao alcance dos leitores brasileiros as obras de autores consagrados na Linguística. Em 1938, Mattoso Câmara já havia traduzido a obra *A Linguagem – Introdução ao Estudo da fala* do linguista norte-americano Edward Sapir, que é um dos focos desse estudo. Por meio dessa obra, conforme ressalta Uchôa (2004), o linguista brasileiro sofreu fortes influências em relação a sua visão de linguagem. Ele traduziu, também, uma série de artigos do autor Roman Jakobson e a obra *Language, it's nature, development and origin* que foi extraviada em uma editora em São Paulo e, por isso, não foi publicada, do linguista dinamarquês Otto Jespersen (1ª edição de 1922).

Em relação à produção bibliográfica destaca-se o livro de Mattoso, publicado em 1953, *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, que foi o primeiro trabalho de orientação estruturalista, acerca do PB, feito por um autor falante dessa língua. Mattoso também escreveu o *Dicionário de fatos gramaticais* (1956), que a partir da 2ª edição (1954) passou a se chamar *Dicionário de filologia e gramática*; o trabalho intitulado *The Portuguese Language* (1972), traduzido por Anthony Naro (1975) com o título *História e Estrutura da Língua Portuguesa; Problemas de Linguística Descritiva* (1969); e a obra póstuma e inacabada *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970). Além disso, Mattoso Câmara escreveu vários artigos, nas áreas da fonologia e da morfologia, sobre a descrição do PB e das línguas indígenas brasileiras. É preciso salientar com capricho a participação de Câmara Jr. no desenvolvimento dos primeiros estudos das línguas indígenas do Brasil. Essa contribuição é comentada por Rodrigues (2005):

Joaquim Mattoso Câmara Jr. dedicou, ainda, parte apreciável de seus esforços à promoção dos seus estudos de línguas indígenas brasileiras. Conhecedor como poucos da obra linguística da Humboldt, de Boas, de Sapir, de Bloomfield e de tantos outros linguistas com visão antropológica da linguagem, compreendia bem a importância que tinha a investigação das línguas dos povos indígenas para a Linguística geral. (RODRIGUES, p. 20).

Nesse ponto, também é importante citar a opinião de Barreiro (2005) sobre a influência de Mattoso em relação à introdução de uma gramática descritiva da língua no cenário brasileiro, a qual vinha competir com a gramática normativa:

Quando falo em inovações introduzidas pelo Mestre, refiro-me principalmente à gramática descritiva estrutural, cujos princípios difundiu em seus livros e aos estudos históricos. Princípios que iam em oposição à gramática tradicional, na base da ‘arte de falar e escrever corretamente’ e à gramática normativa que substituiu a descrição da língua por um código normativo. (BARREIRO, p. 138 - 139).

Mattoso Câmara deixou, de acordo com informações de Cunha e Altgott (2004), aproximadamente 11 livros publicados, cerca de 75 artigos, 34 resenhas e 3 traduções. Ainda, não se pode desconsiderar o fato de que o autor foi presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) e fomentou a criação da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

É clara a importância da vasta produção e contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a linguística brasileira, no entanto, devido às restrições de escopo e de espaço não podemos fornecê-las integralmente neste texto. Remetemos o leitor interessado na produção de Mattoso Câmara Jr. aos autores que já realizaram estudos sobre a vida e produção intelectual do autor, entre eles: Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Cléa Rameh, Yonne Leite, Eunice Pontes, Leda Bisol, Cristina Altman.

### **3.2 Mattoso Câmara Jr. – um estruturalista no Brasil**

O estruturalismo atingiu seu apogeu no Brasil em 1960 e dentre suas maiores contribuições está o fato de que a escola “instaurou a crença de que a língua portuguesa tal como é falada e escrita no Brasil deveria ser tomada como objeto de *descrição*, contrariando uma longa *tradição normativa*” (ILARI, 2004, grifo no original, p. 87). Afinal, a tradição normativa tem uma dura contraparte de que tudo que é produzido fora da norma é incorreto e não tem sistematização. Hoje, se sabe que essa afirmação não é adequada, pois todas as línguas, incluindo as variedades encontradas no interior de uma dada língua, têm a sua sistematização e a sua gramática que é diferente da norma padrão, mas não menos rica. Assim, no momento em que o estruturalismo chega à cena no Brasil, as línguas indígenas brasileiras e os dialetos falados no país se tornaram um objeto de descrição digno de um cientista da linguagem. Mattoso Câmara, como já mencionado na seção anterior, fora o primeiro a descrever o PB e as línguas indígenas.

Em relação à concepção de linguagem, Mattoso Câmara era, de fato, influenciado por uma abordagem mentalista, pois afirmava que para “haver linguagem é preciso [...] uma

atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada”, ou seja, “é preciso que o manifestante tenha tido a intenção de manifestar-se.” (1977, p. 15). Primeiro, se em toda linguagem há planejamento, então todas as línguas estão em pé de igualdade, pois permitem ao falante planejar e exteriorizar suas intenções. Segundo, entende-se que a linguagem como manifestação de intenção serve aos objetivos do falante. Terceiro, a linguagem como resultado de planejamento e possuidora de finalidades é resultado da interação com outros interlocutores. De acordo com Mattoso, esta cadeia se constrói naturalmente: planejamento– intenção– interação.

Para Mattoso, ao se compreender a linguagem como atividade mental é essencial que se aceite que a linguagem humana é “representativa” (1977, p. 16), *i.e.*, um grupo de pessoas adota uma linguagem, ou uma língua, para representar o mundo e para representar seu interior (pensamentos, sentimentos, intenções) para os demais membros da comunidade. Dessa forma, a partir da representatividade cria-se na linguagem um mundo, no qual as pessoas compreendem o espaço (em que vivem) de certa maneira, e a partir desse entendimento, podem comunicar sua compreensão e seu mundo para satisfazerem suas intenções.

Em *Princípios de Linguística Geral* (1977) Mattoso Câmara Jr. também caracteriza a linguagem como uma espécie de “arte, a qual foi elaborada pelo esforço criador do homem” (p. 20), visto que o aparelho fonador humano não tem como função primordial a fala e sim, como função desenvolvida secundariamente, já que as suas funções essenciais são a respiração e a nutrição do corpo.

Mattoso Câmara Jr. mostra que há uma relação bem próxima entre a linguística e a antropologia cultural. Ele afirma que a linguagem está ligada à cultura, e que a cultura não existe sem a socialização e a linguagem, formando, assim, uma intrincada cadeia: “[...] funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global.” (1977, p. 21). De maneira mais específica, para Mattoso, a língua somente existe para propagar e manter a cultura, e “não tem finalidade em si mesma” (1977, p. 21). Assim sendo, a grande função da língua para Mattoso é “expressar a cultura para permitir a comunicação social” (1977, p. 21). A cadeia longa e complexa que se forma, de acordo com o pensamento de Mattoso, pode ser descrita como se segue: a linguagem, como uma forma de arte, é resultado da criatividade do homem, essa arte serve para que se transmita a cultura; a cultura precisa do social e a sociedade precisa da língua para a transmissão da cultura. Logo, o esquema mattosiano de linguagem se fecha.

Entendemos que para Mattoso Câmara a linguagem é o principal instrumento para a transmissão da cultura e não tem função em si mesma. Além disso, a linguagem é fenômeno essencialmente mental, ou seja, a linguagem está conectada ao pensamento de maneira que não há como “conceber o homem sem linguagem, porque toda sua vida mental que o caracteriza como homem [...] depende da linguagem [...]” (CUNHA; ALTGOTT, 2004, p. 195).

Além disso, é importante salientar que Mattoso Câmara Jr. aborda a mudança linguística como resultado de mudanças sociais, o que influencia na velocidade (mais lenta ou mais acelerada) da deriva de uma língua. Especialmente em relação ao surgimento dos falares crioulos Alkmim (2005, p.110) afirma que para o autor “A criouliização, resultante do

processo de simplificação, se caracteriza pela aceleração de tendências evolutivas inscritas na deriva da língua-base”. Sendo assim, há uma forte “[...] relação entre mudança linguística e estrutura social.” (ALKMIM, 2005, p. 111) na visão mattosiana; fenômenos como as migrações em massa e as revoluções sociais permitem, segundo Mattoso, que os falantes “deixam-se levar pela deriva linguística, de que nos fala Sapir.” (ALKMIM, 2005, p. 111) levando às mudanças na língua.

#### **4 EDWARD SAPIR - MATTOSO CÂMARA JR.**

Como já frisado, a hipótese de que Sapir tenha sido um dos autores que influenciou a obra e os ideais de Mattoso Câmara Jr. é inicialmente apresentada pelo fato de esse último ter traduzido duas obras de Sapir do inglês para o português. Como foi visto nas seções anteriores, não há testemunho, dentre os variados estudos sobre a vida de Mattoso, de uma relação pessoal entre os dois linguistas.

Mas a evidência mais forte dessa influência vem da comparação entre as ideias-mestre que circundam as abordagens de língua e linguagem observadas nos textos de cada autor, as quais serão arroladas, em detalhes, na seção 4.1.

É de valia mencionar, ainda, que há dois fatos, externos à abordagem de língua e linguagem, em que Sapir e Mattoso Câmara Jr. se assemelham. Primeiro, os dois deram grande importância às línguas indígenas e realizaram descrições e estudos acerca delas. Disso se segue que os dois compartilhavam a ideia do estruturalismo norte-americano que valorizava a descrição das línguas em vias de extinção. Outro aspecto de semelhança é o fato de que os dois autores atuaram em Departamentos de Museus, Mattoso Câmara Jr. no Museu Nacional do Rio de Janeiro e Edward Sapir no Museu Nacional do Canadá.

Para afirmar que as semelhanças vão além dos dois fatos citados acima, realizamos, nas seções seguintes, a exposição de três aspectos do compartilhamento de ideias encontradas entre Sapir e Câmara, os quais estão sob os seguintes subtítulos: a linguagem e o pensamento, a linguagem e a arte, e a linguagem e a deriva linguística.

##### **4.1 A linguagem e o pensamento**

Mattoso Câmara e Edward Sapir compartilhavam uma visão mentalista de linguagem, que os afastava do behaviorismo e mecanicismo de Bloomfield, que também fazia parte do estruturalismo, mas encontrava seu ideário em outro viés.

No que diz respeito a Edward Sapir, a relação língua – pensamento – realidade advém do fato de que a língua é reveladora da realidade de uma sociedade, pois ela apreende o que lhe é exterior e representa esse exterior aos demais membros da sociedade, de outras gerações e de outros povos. Tal visão é corroborada por Leite, que afirma: “Para Sapir, a linguagem é socialmente condicionada e influencia o modo por que uma comunidade apreende a realidade.” (2004, p. 22). Assim, Sapir, com sua visão antropológica da linguagem, gerada por sua formação, estuda concomitantemente a sociedade e a sua linguagem, e a partir disso chega à visão de mundo compartilhada e internalizada por essa sociedade específica. Dessa visão chega-se à ideia de que a internalização e

externalização da realidade, por um grupo de pessoas, ocorre através da linguagem. Seguindo o raciocínio de Leite (2004), ao estudar a língua de uma comunidade, não há como fugir às crenças dessa comunidade, e essas se apresentam na linguagem, ou seja, há uma “cristalização das categorias básicas do pensamento” (LEITE, 2004, p.22). Aqui se entende e se observa a íntima relação apontada por Sapir entre pensamento, linguagem e realidade.

No que diz respeito ao ideário mentalista de Mattoso Câmara, que acreditamos ter sido influenciado por Sapir, cita-se a afirmação encontrada em *Princípios de Linguística Geral*, em que Câmara declara que para “haver linguagem é preciso [...] uma atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada [...] é preciso que o manifestante tenha tido a intenção de manifestar-se.” (1977, p. 15). Disso, chega-se ao ponto em que a linguagem é vista, por Mattoso, como uma manifestação de propósitos mentais do homem, que são exteriorizados através dela. Assim, uma vez que se utiliza um código linguístico tem-se em mente um objetivo, seja ele comunicar ideias, gerar prazer, desencadear reações, e isso tudo é realizado em nossa mente (cérebro). Esse processo todo ocorre antes que o som ou a escrita se tornem eventos físicos. Nesse ponto, então, é encaixado o conceito de representatividade, que já foi esclarecido anteriormente e sobre o qual citamos uma passagem do texto do autor:

Cada comunidade de homens serve-se de um sistema de linguagem, ou LÍNGUA, cuja propriedade essencial é a de ser representativa. [...] Desta sorte, o espaço em que vivemos, ou ESPAÇO VITAL, é decomposto e ordenado – ou seja, REPRESENTADO – num conjunto harmonioso e nítido [a linguagem]. (CÂMARA JR., 1977, grifo no original, p. 17).

Entende-se a partir desse pequeno trecho a importância do conceito de representatividade para que a linguagem ocorra, pois esse fenômeno é o próprio processo mental, efetuado no cérebro, antes que se exponha o que se tem a intenção de comunicar ou desencadear com o processo comunicativo. A representatividade é responsável pela organização do mundo na linguagem e, por conta disso, uma comunidade está amparada pela compreensão comum gerada pela linguagem. Um exemplo do fenômeno de representação citada por Mattoso (1977) se dá com a palavra ‘morte’, a qual é representada pela sociedade, linguisticamente, por um substantivo. Sendo assim, representa-se um processo natural por um nome, que toma forma de indivíduo e, por isso, os homens podem falar sobre a ‘morte’, já que se tem uma REPRESENTAÇÃO mental dela.

Portanto, entendemos que a visão mentalista da linguagem, advinda de Sapir, é amplamente aceita por Mattoso. Isso se comprova, pois para ambos a linguagem é um fenômeno mental que caracteriza o homem. E o homem, por sua vez, depende da linguagem para pensar e para se caracterizar como indivíduo perante o mundo.

## 4.2 A linguagem e a arte

A relação da linguagem com a arte não é um tópico comumente discutido na linguística, talvez, porque as questões acerca da arte parecem impor barreiras às discussões de caráter científico (caráter tão procurado pela linguística). No entanto, mesmo correndo o

risco de abalar o cientificismo da linguística, Mattoso Câmara e Sapir, linguistas estruturalistas, não distanciaram o conceito de linguagem da arte. Os dois propunham a linguagem como uma manifestação de arte, *i.e.*, como um fenômeno que engloba a capacidade criativa do ser humano de saturar de significância sons e símbolos.

Para Edward Sapir “A língua já é por si uma arte coletiva de expressão, súpula de milhares e milhares de intuições individuais. A criação individual perde-se na coletiva [...]” (1980, p. 180). A linguagem é arte, mas uma forma de arte que depende do social, pois Sapir enfatiza que a criação individual não se perpetua se não for assumida pelo grande grupo. Um exemplo que podemos citar é o caso dos apelidos: se uma única pessoa chamar alguém por um apelido, diz-se que o “apelido não pegou”, mas se um grupo utiliza o apelido para denominar um indivíduo, então se tem a arte coletiva da linguagem em funcionamento.

No que tange à ligação entre a linguagem e a arte, visualizada por Sapir, observa-se que Mattoso Câmara aceita essa relação, pois afirma que “Quer do ponto de vista mental, quer do ponto de vista vocal, não há como fugir da concepção de linguagem como uma espécie de ARTE, elaborada pelo esforço criador do homem.” (1977, p. 20). Sem dúvida, Mattoso concorda com Sapir e insere a linguagem no processo de aquisição cultural, uma vez que ele confirma que a linguagem é arte e resultado da interação dos homens em uma sociedade. Uchôa (2004, p. 5) concorda com esse pensamento e afirma que Mattoso Câmara considerava a língua como arte e produto da cultura, justamente, por ter entrado em contato com a obra de Sapir e de outros linguistas com visão antropológica da linguagem (Boas e Humboldt).

Para exemplificar a importância da sociedade para a linguagem e da linguagem como arte coletiva para as concepções linguísticas de Mattoso, seguem trechos extraídos das obras do linguista.

Cada homem que fala, rege-se por um sistema de sons, de fonemas e de significação e ordenação de formas, que ele hauriu da sociedade em que vive e que nesta se transmite através de gerações como uma tradição de cultura, à maneira dos processos de plantar ou de fabricar vasos. Vista desse ângulo, a língua surge-nos com um caráter de que se chama em etnologia uma *arte coletiva*. O seu estudo pode colocar-se ao lado do das grandes instituições sociais, e a linguística assume a aparência de uma seção de etnologia. (CÂMARA JR., 1944, p. 29-30).

Nesse trecho, Mattoso ressalta o fato de que o indivíduo recebe/herda da sociedade em que está inserido uma linguagem, bem como, por exemplo, uma religião, os costumes alimentícios, etc. Esses aspectos são transmitidos e perpetuados através das gerações, assim são elementos que formam a cultura. Logo, a linguagem é uma espécie de arte coletiva, que depende de si mesma para estar e permanecer viva numa sociedade, enquanto os outros elementos (religião, hábitos alimentícios, etc) não dependem de si, mas também da linguagem.

Se estão certas até aqui as nossas considerações, é obvio que entre a linguística e a etnologia há um estreito ar de família; uma e outra estudam artes coletivas (CÂMARA JR., 1944, p. 30).

[...] a língua é, em última análise, uma parte da cultura e pertence teoricamente à antropologia. O seu estudo esclarece muitos problemas antropológicos, e o mesmo se pode dizer da antropologia para problemas linguísticos (CÂMARA JR., 1972, p. 272).

E, assim, segundo Mattoso, podemos aproximar a linguagem da antropologia, mais especificamente, da etnologia, que estuda as características dos agrupamentos humanos ou grupos sociais, pois a linguagem é resultado da sociedade e responsável pela transmissão da cultura dessa sociedade.

Desse modo, não há como negar que a relação aceita por Mattoso Câmara que compreende língua, arte, cultura e linguagem aqui entendida como arte coletiva tem origem na abordagem antropológica da linguagem de Sapir, que, como vimos, também admite essa relação de cumplicidade entre linguagem, sociedade e arte.

E, finalmente, é correto dizer que Sapir e Mattoso não isolaram a linguagem de seu contexto social, ao contrário, buscaram nele o auxílio para compreender a linguagem como fenômeno maior e, por isso, se destacaram dos demais estruturalistas.

### 4.3 A linguagem e a deriva linguística

Para finalizar a enumeração de características que evidenciam a filiação de Mattoso ao ideário de Sapir, destacamos a ideia da deriva linguística. *Grosso modo*, toda língua tem uma deriva (*drift*) e, por isso, é condicionada a sofrer mudanças morfológicas e sintáticas; as mudanças linguísticas que ocorrem nas línguas são desencadeadas e controladas pelo fenômeno chamado de ‘deriva linguística’.

Sapir caracteriza a deriva linguística como um processo que a própria língua controla e que todas as línguas naturais possuem. Esse conceito o estudioso formulou a partir de um longo caminho de observação e estudo de diferentes línguas, conforme descrito na seção 2.1. Nesse sentido, Sapir afirma que

[...] por de trás da fachada da história, há derivas poderosas que impelem a linguagem, como a outros produtos sociais [...]. Como linguistas, contentemo-nos em compreender que existem tais tipos e que determinados processos na vida da linguagem tendem a modificá-los (SAPIR, 1980, p. 100).

Nesse trecho, Sapir além de afirmar que toda língua tem uma deriva, também expõe um aspecto intrínseco às línguas naturais e que muitos estudiosos, como os gramáticos normativos, não gostariam de admitir, qual seja, que a deriva, a evolução da língua, não pode ser controlada, somente compreendida pelos indivíduos.

A concepção de deriva como um movimento gradual que as línguas sofrem e que gera mudanças de ordem morfológica, sintática e lexical é aceita por Câmara e é citada no trecho que segue:

Com efeito, a mudança radical e repentina é, em princípio, impossível pela perturbação e tumultuação do intercurso linguístico; [...] Mesmo quando houve uma substituição de forma [latina], como a de *esse* por



*sedere* [...], houve uma mudança gradual, pois o novo emprego foi se insinuando em casos em que também cabia a significação primitiva [...]. (CÂMARA JR., 1977, p. 36).

Observa-se que, além de admitir a abordagem de Sapir de que a deriva é um movimento gradual e ordenado, Câmara diz mais: que mudanças repentinas na língua são impossíveis uma vez que a língua é composta por falantes e esses não passam a utilizar de maneira uniforme e instantânea uma nova forma verbal, um novo fonema ou um novo item lexical. Câmara cita o exemplo do latim, em que, primeiro, uma nova palavra surgiu, em um segundo momento as duas palavras coexistiram, para em seguida haver o desaparecimento de uma delas. Eis o movimento da deriva, gradual e ordenado.

Em outra passagem da obra de Mattoso Câmara Jr. podemos observar novamente que o conceito da deriva, lançado por Sapir (1980), é utilizado pelo linguista brasileiro na análise do português. Ele se utiliza do conceito de deriva linguística para explicar o processo de crioulização do português, bem como o processo de mudança linguística. Segundo Mattoso Câmara Jr., a crioulização, concebida como um processo de mudança linguística, foi desencadeada por mudanças das condições sociais, e essas impuseram “[...] uma velocidade inesperada na deriva da língua [...]” (CÂMARA JR., 1977, p. 221). O autor cita o seguinte exemplo para atestar que as mudanças sociais podem acelerar a deriva de uma língua:

Não nos deve surpreender assim que o português crioulo tenha feito a passagem do /ly/ molhado para /y/, [...], coincidindo com o que se realizou em francês numa evolução de séculos: port. *palha* - port.cr. */paya/*; fr. *paille* [...], hoje foneticamente */paye/*. (CÂMARA JR., 1977, p. 221).

Nesse mesmo sentido, Alckmim (2005, p. 113) afirma que Mattoso Câmara Jr. submete “[...] os efeitos do contato entre o português europeu e o crioulo dos africanos à ação controladora da deriva sapiriana [...]”. Nesse trecho<sup>6</sup>, novamente Mattoso Câmara Jr. trata a mudança linguística como um movimento que deriva da língua impõe: a deriva pode se dar de maneira gradual e lenta, ou pode ser acelerada por aspectos sociais como ocorreu com o português no exemplo levantado por Mattoso. Acima de tudo, nos dois casos percebemos que Mattoso trabalha com a noção de deriva que envolve a ideia de que ela aponta para uma certa direção e, nesse sentido, apresenta um fim de certo modo previsível mas que pode ser acelerada por aspectos exteriores à língua, como os aspectos sociais.

Portanto, a concepção de que há uma deriva linguística se constitui em outro aspecto que Mattoso Câmara assimilou de Sapir. Sendo assim, os dois linguistas compartilham do ponto de vista de que todas as línguas do mundo sofrem variações e que essas variações não podem ser freadas pelos linguistas, ou por um único indivíduo, pois elas são fruto do movimento que a linguagem controla.

---

<sup>6</sup> Agradecemos ao avaliador anônimo da revista *Working Papers em Linguística* que nos chamou atenção a esses aspectos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida sobre a grandiosidade intelectual dos estudiosos que foram objeto deste artigo, Sapir no cenário estruturalista norte-americano e Mattoso Câmara Jr. no estruturalismo brasileiro. Por conta disso, muitos aspectos importantes que caracterizam as obras e as concepções dos autores não puderam ser contemplados, por limitação de espaço.

Apesar disso, a análise dos aspectos principais das obras e do ideário de cada autor sustenta a hipótese da qual partimos: a de que Sapir foi um mestre intelectual para Mattoso Câmara. A hipótese surgiu do fato de Mattoso Câmara ter traduzido obras de Sapir e de ter realizado cursos nos Estados Unidos, nos quais conviveu com renomados linguistas como Jakobson, Bonfante e Bloomfield. A suspeita foi confirmada pela presença na abordagem de linguagem e de língua dos autores de ideias similares que foram aqui arroladas: a relação íntima entre linguagem e pensamento; a visão de linguagem como arte, como expressão cultural e criativa de uma sociedade; a aceitação do conceito de deriva linguística por parte de Mattoso Câmara, a qual foi proposta por Sapir.

Não obstante a limitação já mencionada acima, acredita-se que este artigo, em que se buscou descrever alguns dos aspectos em que a abordagem de Câmara Jr. se aproxima da abordagem de Sapir, seja um bom começo para estudos mais minuciosos, não só sobre as influências que Mattoso Câmara sofreu, mas também sobre como o ideário estruturalista norte-americano foi adaptado ao cenário linguístico brasileiro.

Para finalizar, cita-se Robl que comenta a especial concepção de Sapir sobre a linguagem. No entanto, como notamos no desenrolar do artigo, há muito em comum entre Mattoso Câmara e Sapir. Assim, toma-se o trecho a seguir como um bom resumo da concepção dos dois autores – Edward Sapir e Mattoso Câmara Jr. – em relação a uma única paixão: a linguagem.

A concepção de linguagem de Edward Sapir (e de Mattoso Câmara Jr.) é

[...] diferente daquela que é apresentada pela maioria dos linguistas. Não se baseia tão somente no ato de comunicação. Empresta muita importância à função simbólica da linguagem [...] Essa concepção da linguagem tem o mérito de não isolá-la do seu contexto cultural e social. Pelo contrário, coloca-a em lugar privilegiado donde se pode descortinar a relação entre o homem e o mundo que o cerca [...], ou seja, através da língua pode-se estudar a cultura de um povo (ROBL, 1975, p. 9).

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tania. A “Hipótese Crioulista” de Mattoso para o Português do Brasil. In: **Revista Estudos da Língua(gem). Mattoso Câmara e os estudos linguísticos no Brasil**. Vitória da Conquista, n. 2., p. 104- 114. Dezembro 2005. Disponível em: <<http://www.cpepin.org/estudosdalinguagem/n2dez2005/artigos/alkmim.pdf>>.

ALTMAN, Cristina. A conexão americana: Mattoso Câmara e o círculo lingüístico de Nova Iorque. **DELTA**, São Paulo, v. 20, n. spe, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502004000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300010&lng=en&nrm=iso)>.

BARREIRO, Joselice M. Mattoso Câmara, um intelectual da contemporaneidade. In: **Revista Estudos da Língua(gem). Mattoso Câmara e os estudos linguísticos no Brasil**. Vitória da Conquista, n. 2., p. 135- 150. Dezembro 2005.

BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BISOL, Leda. **A variação pretônica do Português brasileiro**. Porto Alegre: Letras de Hoje, 1983.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Nova York: Holt, 1933.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral: Como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão , 1977.

\_\_\_\_\_ **Problemas de Linguística Descritiva**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_ Linguística e etnologia. **Revista do Museu Nacional**, n. 2, p. 27- 31, 1944.

\_\_\_\_\_ Língua e cultura. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (sel. e introdução.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CLARE, Nícia de A.V. **As mudanças linguísticas: ontem / hoje**. In.: Caderno do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. n. 10. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno10-07.html> >.

CUNHA, Albertina. ALTGOTT, Maria Alice Azevedo. **Para compreender Mattoso Câmara**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DARNELL, Regna; IRVINE, Judith T. **Edward Sapir (1884-1939): Biographical Memoirs**. Washington D. C.: National Academies Press, p. 281- 299, 1997. Disponível em: < <http://www.nap.edu/html/biomems/esapir.pdf> >.

FERREIRA, Ester. Historiografia Linguística de Mattoso Câmara: Contribuições à Linguística Brasileira. **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura**. UEG-Inhumas. v. 2, n. 2, p. 07-18, outubro de 2010.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v.3.

LEITE, Yonne. Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador. **Revista DELTA**. V. especial, n. 20, 2004, p. 9- 31.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um fator de identificação cultural, como compreender que uma língua viva em diferentes culturas?** Rio de Janeiro, outubro de 2001. Disponível em: < [http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-quando\\_uma\\_lingua\\_vive.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-quando_uma_lingua_vive.pdf) >. Acesso em: 21 de novembro 2010.

ROBL, Affonso. Língua e “Recorte” da Realidade: Uma abordagem da relação língua-cultura. **Revista Letras**. Curitiba, n. 24, p. 3- 20. Dezembro 1975.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. A obra científica de Mattoso Câmara Jr. In: **Revista Estudos da Língua(gem). Mattoso Câmara e os estudos linguísticos no Brasil**. Vitória da Conquista, n. 2., p. 11- 28. Dezembro 2005.

SAPIR, Edward. **A Linguagem**: Introdução ao estudo da Fala. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. **Linguística como Ciência**: Ensaio. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

\_\_\_\_\_. The Takelma language of Southwestern Oregon. In: **Handbook of American Indian languages**. Washington: Bureau of American Ethnology, 1922. v. 2.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. (Org.) BALLY, C.; SECHEHAYE, A. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SEVERO, Cristine G. Linguagem e Sociedade: algumas reflexões sobre determinismo. *Working Papers em Linguística*. UFSC, n. 8, p. 127-140, 2004.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **Dispersos de Mattoso Câmara Jr**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

\_\_\_\_\_. Mattoso Câmara: um novo discurso sobre o estudo da linguagem no Brasil. *Revista DELTA*. V. especial, n. 20, 2004, p.1- 8.

\_\_\_\_\_. Carta de Mattoso Câmara (de 1944) dos Estados Unidos: uma proveitosa viagem de estudos. **Revista MATRAGA Estudos Linguísticos e Literários**, n. 16, p. 19- 24, Janeiro - Dezembro 2004.

WHORF, Benjamin Lee. Language, thought, and reality. **ETC.: A Review of General**, v. 9, n. 3, p. 167- 188, 1952.